

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

EDITORIAL

Por ÓSCAR FANGUEIRO

Recebendo o n.º 36 do Jornal «O Novo Fanguero», fixei a minha especial atenção no título do Editorial do mesmo.

A dúvida apresentada por este título, eu venho responder com o meu pensamento, que intitularei «ANTES DE MAIS — FANGUEIROS».

Assim, começo por concordar com o filólogo citado, de que Fanguero «resulta de uma etimologia popular» sem qualquer ligação com o vocábulo «fanga».

Antes de mais — Fangueros

Porém, não poderei concordar com os que não viram, que FÃO é a evolução natural de FAM, vila rural, em 959, no Livro de D. Mummadonna e no Diplomata et Chartae com a grafia de FANO, cuja origem mais possível será «fanum» (templo, em latim).

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220, aparece já sem a letra «N» e mais tarde, nos Livros de Venerações da cidade do Porto, vemos que entre os anos de 1391 e 1402, apresenta-se escrito como «FAAOM».

Chegados ao século XVI, entre 1550 e 1603, a localidade é designada como FAM, nos livros de baptismo da Póvoa de Varzim.

Com esta mesma grafia, apresenta-se em livro do Reino, de 1784, constante do Arquivo Histórico Colonial e nos Livros de Assentos de Nascimento de 1800, ocorridos em Fão e constantes do Arquivo Distrital de Braga.

Já Duarte Nunes de Leão, na Ortografia da Língua Portuguesa de 1576, refere-se à pronúncia de «ão», que sucede em lugar da antiga terminação dos Portugueses, de «om», «a qual ainda agora guardão algũs homens d'entre Douro & Minho, & os Galegos».

Contudo, João Bautista de Castro, no séc. XVIII, volta a referir-se à pronúncia «om» dos Minhotos, análoga à dos Galegos.

Passando ao gentílico de FÃO, que exprime procedência ou naturalidade, diremos que apareceu pela via popular, com a escolha do sufixo «eiro», designativo também de profissão e adoptado por populações de outras localidades.

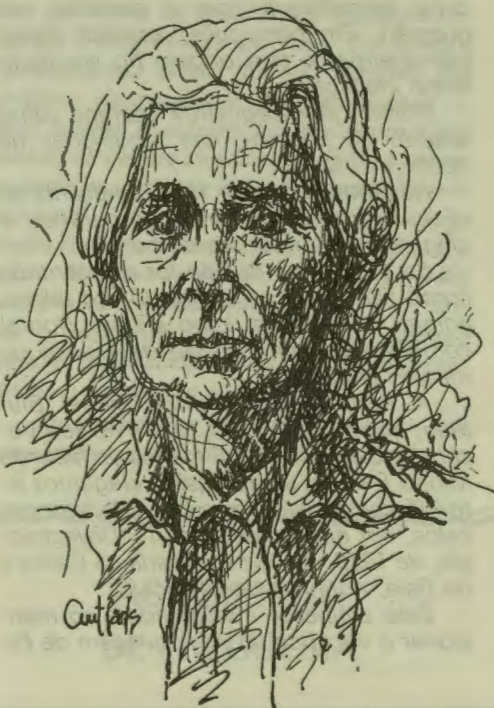
Outras localidades, que não possuíam

(Continua na página 2)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

BELMIRA VILA CHÃ SOARES



(Desenho de António Carlos)

(Continua na página 2)

Em boa verdade o traço que ramanesceu em nós da D. Belmirinha do Lau foi o de uma excelente criatura, muito dadivosa e temente a Deus. Justo é que se levante a pergunta: esses atributos bondarão por si para revelar aqui o seu perfil? Bem, poderemos acrescentar que era de facto *muito* boa criatura, *muito* generosa e *muito* temente a Deus e precisamente porque assinalámos a palavra *muito* nas três vertentes apontadas, nós entendemos recolher esta fanguera dos longes do passado para a elevar à categoria de pessoa *diferente*.

Advertimos que neste jornal não destacámos só aquelas pessoas que se revelaram excelsas. Sem dúvida que aquelas que no seu munus específico realizaram um trabalho excepcional e paradigmático, têm sido exaltadas pela superação conseguida, sem entrarmos em considerações filosóficas sobre o mérito ou demérito das metas atingidas. O que foi realmente feito é o que se aprecia. São as figuras portadoras de carisma. Existem também aqueloutros que personalizam

Importância de um Jornal numa terra

Por R. AGONIA PEREIRA

É importante que cada solução seja pensada de acordo com o meio onde está inserida. Este ambiente é seriamente repertoriado num jornal que se assume de importante para a sua terra. Tem consequentemente, a missão capital de veicular a produção e consumo — entre outros dados de igual validade; os pedidos e os produtos; as necessidades e as deficiências. Constituir-se na massa crítica fundamental — portanto, firme — capaz de denunciar mesmo o falso progresso tantas e tantas vezes de ostentação de meios em ambientes nos quais faltam os recursos mais elementares — os vitais.

A comunicação escrita é, por natureza, um processo irreversível - mesmo que continue (e bem) como fonte de grandes discussões. Não é a validade da comunicação que se contesta às vezes, mas sim a forma como é implantada. O jornal é timoneiro da evolu-

ção. Sempre atento ao desemprego e às suas razões. Aponta as modificações das profissões e bem assim as estruturas de emprego. Mas também veicula a não adopção das inovações tecnológicas que acarretam a perda da competitividade e do processo e a demissão dos trabalhadores. O jornal é fonte de conhecimento e aprendizagem permanentes. É o aferir da evolução dos povos. É o transmitir de conhecimento. É emissor e receptor do saber e da aprendizagem. É um deve-haver sistematicamente certo porque controlado por uma massa crítica constantemente revitalizada, heterogénea e sabedora — o povo anónimo. É um serviço que proporciona à terra, à região e ao país, meio capaz de controle das suas capacidades e das suas necessidades. É um «curriculum vitae» a todos disponível — se manuseável ao lon-

(Continua na página 3)

EDITORIAL

(Continuado da página 1)

uso e tradição de gentílicos escolhidos por esta via, adoptaram outros sufixos e desinências de carácter erudito, seja o sufixo «ense», derivado do latim «ensis» ou outras formas latinas ou latinizadas.

Para além de Fão, o sufixo «eiro» foi escolhido para designar os habitantes do Porto, como «tripeiros» e os da Póvoa de Varzim, como «poveiros».

Mais tarde, a população culta destas localidades, incluindo Fão, escolheram o sufixo mais vulgar «ense», para designar o gentílico local.

Porém, como na Póvoa de Varzim não vingou o «neologismo», que olvidava o seu passado, também em Fão, não seria mais culto se tal sucedesse.

Temos notícia do uso do gentílico FANGUEIRO, desde meados do séc. XVIII, através dos Livros de Assentos da Póvoa de Varzim, respeitantes aos habitantes de Fão, que emigraram para aquela localidade.

Assim, dos primeiros três personagens a ostentar o gentílico por alcunha, consta o seguinte:

António José Fanguero casado em 1769 e morador já em 1762;

Manuel de Bento Fanguero falecido em 1769, casado em FAM;

Manuel Rodrigues Pinheiro Fanguero, morador em 1763.

Ao procurarmos os nomes dos descendentes dos habitantes de Fão, que emigraram ao longo dos tempos para a Póvoa de Varzim, Matosinhos, Porto e Lisboa, verificamos, que nenhum ostenta outros apelidos, que não sejam FÃO e FANGUEIRO.

Se estas razões não são suficientes, acrescentarie que no I vol. de Toponímio

se Gentílicos, de I. Xavier Fernandes, de 1941, aparece unicamente FANGUEIRO. Em Gentílicos e Apodos Tópicos de Portugal Continental, de Alexandre de Carvalho Costa, de 1973 e no Prontuário Ortográfico de Magnus Bergstrom e Neves Reis, 4.ª ed. De 1960, «Fanguero» aparece a anteceder «Fãozense».

Quanto à grafia do gentílico Fanguero, lembro o que João de Barros no séc. XVI afirmou, em relação aos acaísmos e à fala do Minho: «muitos que se usão antre Douro e Minho, conservador da semente portuguesa: os quaes alguns desprezão por não saberem a raiz d'onde nascem».

Para a utilização do sufixo «gueiro» apresentamos alguns exemplos, que poderão ajudar na sua melhor compreensão.

Na língua galega (em que o Português tem raízes), os termos «falanguero» e «afanguero» significando «afável», têm certa semelhança com o gentílico em questão. Em português, aparece como «fangueiro», e terá origem no vocábulo latino «fallacariu».

Porém, já «falanguero» aparece como apelido de homem, nas Inquirições de 1220.

Nas Inquirições de 1258, apresenta-se «Felgueiroo» como nome geográfico e «Figueiro» como nome de homem.

Se o gentílico de Fão for apresentado como Fãozense, seria mais lógico talvez, admitir o vocábulo latino «Fons» (fonte) como sua origem, em vez de «Fano» ou mesmo «fanum».

A terminar, lembramos Rafael Bluteau, que no séc. XVIII, refere no seu Vocabulário de Palavras E modos de falar do Minho E Beira, a expressão: «fagamos isto» (façamos isto), que Leite de Vasconcelos, em opúsculos, vol. II - Dialectologia, de 1928, nos diz ser usada na Galiza e na Raia, no início deste século.

Este eminente investigador, ao mencionar o vocabulário da linguagem de Es-

posende, cita o termo «afungar» como significando «arremessar, atirar (seja uma pedra ou com uma pessoa ao chão).

Depois do exposto, esperamos ter contribuído para um melhor esclarecimento, senão menos, uma melhor compreensão, das razões que assistem à continuação da prioridade do gentílico FANGUEIRO, na denominação e porque não, identificação dos habitantes de FÃO.

BELMIRA VILA CHÁ

(Continuado da página 1)

um perfil distinto, apresentam um certo *quid* diferenciador que pelo inusitado chamam de todos a atenção, ficando na história local não pelo destaque na excelência mas pela singularidade na diferença. Costuma apelar-se tais indivíduos de figuras típicas ou pessoa *sui generis*.

Ora a D. Belmirinha não era bem uma figura *sui generis* na acepção que acabamos de esboçar, mas uma senhora que se destacava pela sua religiosidade. E nós e o leitor continuamos a interrogar: um ser que ama o seu Deus de uma maneira excelente atingiu por isso mesmo o acúmen carismático que o torna destacável entre os seus pares? Na nossa óptica, se ao acervo místico se juntar uma preocupação eminentemente social, o indivíduo tem jus a ascender ao panteão da honorabilidade e do respeito das gentes.

A figura da D. Belmirinha mantém-se viva entre nós com uma auréola de religiosidade e também de filantropia. Ainda permanecem na nossa retina as bichas de pessoas que às sextas e aos sábados permaneciam frente a sua porta na expectativa de um óbulo que nunca era regateado. Auxiliar os pobres de Fão era um seu inconcusso dever. Era uma esmoler por excelência e nos anos de penúria de Fão, de antes e do final da guerra, ela matou a fome a muita gente, aos pobres que se mostravam como tais e aos pobres envergonhados que na calada da noite lhe batiam à porta para que lhes valesse numa situação desesperada.

Morreu há 42 anos. Protegeu magnanimamente as instituições da nossa terra. Ao Hospital-Azilo deixou naquele tempo 500 contos e valiosas propriedades num uso doador que vai desaparecendo dos hábitos dos fangueros. Juntamente com seu irmão Estanislau ofereceu aos Bombeiros locais o edifício do Quartel que hoje serve de sede ao Grupo de Amigos de Fão. Por sua vontade a casa onde residia foi entregue às órfãs do Azilo D. Pedro V em Braga. Esta senhora viveu para o Bem, o Bem que consola, que torna feliz e confiante o ser humano.

Viveu depós um nobre ideal e nobremente morreu nele.

O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ★ ★ ★

OFIR - FÃO - 4740 ESPOSENDE - TEL. 053-96 14 73/4 - TELEX 32857
(nova Gestão pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

estamos a construir um banco do futuro

Importância de um Jornal numa terra

(Continuado da página 1)

go do tempo. Porque a isso mesmo se destina. Provocando o confronto entre o passado e presente, é uma base de dados imprescindível no projectar do futuro. É a documentação primordial dos povos, por ser aquela que por tradição os mesmos respeitam mais condignamente. E um bem inestimável à vida de uma terra que, começando por a demarcar, a projecta, aferindo do seu comportamento face à região e ao país e ao mundo em que se insere. É a biblioteca mais tradicional que o homem possui. E por isso merece ser guardado tornando-se acessível sempre que se queira.

Certamente que os jornais de Fão serão os primeiros a serem disponíveis na biblioteca que a dr.^a Rosa tanto anseia na justa satisfação de uma necessidade tão premente e que também deve ser colmatada urgentemente, para mais uma terra da região do Baixo Minho, engrandecendo o leque dos meios de comunicação aprendizagem e saber — fonte do conhecimento — de que se dispõe actualmente. E note-se que as tecnologias da informação, e a informática em particular, estão já hoje presentes em todos os sectores da vida social e profissional. Aqueles laboriosos artigos que o dr. Saraiva vem trazendo a lume sobre acções e factos passados em Fão certamente que não lhe dariam o imenso trabalho, no mínimo de busca, se os jornais fossem já hoje acessíveis por meios informáticos. Aguardemos que aquela biblioteca venha a colaborar na redução dos gastos de tempo precioso tornando acessível em pouco tempo o muito que há necessidade de estudar e reviver. A tríade conceptual do devir, saber e transformar só é actual quando se reflecte que a informação é a sequência dos actos naturais e sociais de apropriação de conhecimentos porque o o homem se debate no seu quotidiano. É hoje comumente aceite que na capacidade que um povo tem em conhecer, processar, aplicar, transferir e transmitir a informação depende uma boa parte do seu futuro. Um jornal é um bem inestimável à vida de uma terra. A informação desempenha uma função capital no desenvolvimento de um organismo, quer ele seja um ser humano, uma terra, uma região, ou um país. As tecnologias que se podem associar com a informação fornecem as formas e os meios para a captar, recolher, armazenar, transmitir, procurar e processá-la. Que a futura biblioteca de Fão venha a munir-se dos meios tecnológicos que aqui apontamos e trazer ao «Novo Fanguero» a ajuda importante à sua natural evolução e desenvolvimento que bem merece ser compreendido como mola real do desenvolvimento que se sustenta — e é fonte — compreendido como processo de valorização de todos os recursos que proporcionam a melhoria efectiva das condições de vida. Nomeadamente a satisfação das necessidades básicas da população, incluindo a garantia do emprego e o meio de

cultura e aprendizagem a que uma terra tem jus — em particular Fão porque para isso muito luta a sua gente em geral e os mais dispostos em particular. Mas sabemos que os meios tecnológicos da informação que adiantamos para a Biblioteca de Fão não se subordinarão nem aos interesses políticos da ocasião nem aos objectivos financeiros dos grandes grupos, na ânsia de sempre acelerarem os seus processos de exploração desmedida. Pensar na justiça que é dotar «O Novo Fanguero» de meios tecnológicos que também complementem as necessidades de um meio em que se insere e associá-los geograficamente, sediados na biblioteca de Fão, é uma realidade que as gentes podem confiar aos que vivem tão acentuada e transparentemente o progresso de um povo. Um jornal é naturalmente actual por que dirigido por critérios de qualidade e imparcialidade — nele mesmo se acertam tais mecanismos por aberto ao debate de ideias; dirigido à comunidade, mesmo que inserido essencialmente na terra — no caso vertente em Fão — logo realizado com prazer e devoção, como é o caso. Mas entrecruzando os mais variados campos da realidade que um povo vive, desde o quotidiano ao excepcional, valendo sempre a pena confrontar o bom e o menos bom, o aceitável e o degradante.

Eis um balanço para um jornal que tem aniversário natalício. Certamente que os

seus trabalhadores e o seu director — se considerarão recompensados pelos esforços desenvolvidos mas, embora gratos à terra, não inteiramente satisfeitos. A crítica que os leitores fazem é a melhor prova de atenção e interesse que o jornal despertou e mereceu. Que assim seja sempre nos balanços — deve-haver — dos períodos de aniversário. E que estes possam ser comemorados pelo povo na busca de melhores soluções para os seus dias de labor e momentos de descanso. Que o jornal seja um amigo querido. Constantemente validado e reafirmado pelo merecido consenso dos seus leitores — do seu povo. Este que marca os contornos do seu órgão de comunicação por excelência, adaptando-o e actualizando-o, imprimindo-lhe a dinâmica que o deve servir e que, em consenso, deve defender nas suas próprias colunas — assim pensando o jornal da terra. Esforço de evolução constante, sem dúvida. Mas fundamental por caber à colectividade. O Jornal é querido por ser de todos. pensá-lo é um dever. Mas é o segredo da sua perenidade. Isto é, do bem mais valioso que uma terra tem. Há que não o deixar «parar». É fácil dinamizar o debate de ideias em torno das necessidades intrínsecas do povo de uma terra, de uma região ou de um país rejeitando o seguidismo, os grupos, as capelinhas e as comunicações acrílicas ou laudatórias.

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA

Finalmente realizou-se a Assembleia de Freguesia, com alguns meses de atraso, embora.

Logo de início perguntaram ao Presidente da Mesa o porquê de tanta demora na convocação. O Eng. José Manuel Costa não explicou os motivos mas assumiu a responsabilidade do atraso. Já no decurso da sessão, o Prof. Manuel Nascimento esclareceu os presentes que o motivo da demora na convocação tivera por origem um desentendimento seu com o Presidente da Junta. Mas a crise estava superada.

Foram aprovados por maioria o relatório da Gerência e Contas que não ultrapassaram os seiscentos contos.

Por sugestão de Oscar Viana que criticou a passividade da Junta perante a Câmara, foi criada uma Comissão de Toponímia que terá por missão oficializar o nome de novos arruamentos que a tradição já criou.

Abordaram-se vários temas: o aluguer do bar da praia, o parque do Hotel do Pínhal (faz-se ou não se faz?), arranjos do terreno na margem esquerda do Cávado e por fim a dr.^a Rosa Torres fez uma vibrante alocução prenhe de fanguerismo.

Só é pena que poucas pessoas se importem com estas coisas.

Avenida António Veiga

Surpreendentemente foram colocadas na Avenida António Veiga — estrada da praia — umas travessas com relevo que impedem os automobilistas de se deslocarem com velocidade.

Pareceu-nos exagerada tal medida e pensamos que a obra devia ser complementada com um arranjo do acesso à praia de Fão. Aquilo está uma vergonha. Existem ali umas escadas de madeira que parecem mais dos tempos do paleolítico do que do último quartel do séc. XX. Escadas e não só. A Câmara ou a Junta deviam mandar ali um catapillar, alisar a parte norte, lançar uns chorões, exactamente como aSopete fez na parte sul.

Não nos venham dizer que é falta de verba. Deixar a praia em tal estado, anos após ano, não revela falta de verba mas revela sim ausência de atenção e abundância de desleixo.

FESTA DA SENHORA DA BONANÇA

Os festejos em honra da Senhora da Bonança vão realizar-se no mês de Agosto, no dia 9 precisamente. A Comissão de Festas que se apresenta muito animada é constituída pelos conterrâneos:

António Reis Graça, Arménio Graça da Silva, João Oliveira Ferreira, Francisco Brandão Faria, Manuel Joaquim C. de Sousa, António Barbosa Rodrigues, Carlos Costa Rodrigues, Carlos Costa Figueiredo, Adriano Faria de campos, João Ribeiro da fneca, Henrique Miranda Gomes, Delfim da Silva Passos e José Salvador Graça da Silva.

Força, fanguelros!...

O ANIVERSÁRIO

Motivos de saúde impediram-nos de dar a nossa modesta colaboração ao último número publicado. Aliás desconhecíamos ser aquele o número de aniversário, pois em caso contrário, teríamos desenvolvido um esforço no sentido da nossa presença nas suas colunas.

Com muito gosto o faremos agora.

Se num ser humano o 3.º aniversário de vida ainda nada significa, com excepção, como é óbvio, das ondas de alegria que tal provoca nos lares onde existe, com o papaguear constante trocando e deturpando as palavras e pela sua expressão de inocência e candura, na vida de um Jornal, 3 anos representa já algo de importante.

São 3 anos de responsabilidades, preocupações, anseios e alguns desenganos e incompreensões. Cite-se como tal, o constante do Editorial do último número do Jornal quanto à devolução por parte de um assinante, de um exemplar, pelo facto, assim foi sussurrado ao ouvido do Director, de não haver sido noticiado que um filho daquele assinante teria partido uma perna».

Evidentemente que nem todos os assinantes afinam por aquele diapasão. Mas trata-se afinal de uma incompreensão.

Um Jornal local tem, quanto a nós, bastantes responsabilidades.

Além de arauto das aspirações da sua terra, é também o elo de ligação entre os seus filhos espalhados pelos quatro cantos do mundo. Cordão umbilical que os liga à Terra-Mãe e, ainda, entre si.

Só quem se encontra longe é que lhe dá o devido valor, e sabe com que ansiedade se aguarda a vinda do Jornal, que lhe vai dar notícias da sua terra e das suas gentes. Do seu progresso e da sua vida social.

Quanto a ser arauto das aspirações, terá que chamar a atenção para o que deve ser feito em benefício das populações e da localidade, do que se poderia ter efectuado e ainda o não foi, ou porventura daquilo que se fez, sem que daí tivessem resultados quaisquer benefícios.

Deverá exercer uma acção crítica, construtiva como se compreenderá, objectiva mas serena, cuidadosa e ponderada, para não ferir susceptibilidades, pois estas são mais atreitas nos meios pequenos.

Estamos convencidos, por leitor de «O Novo Fangeiro» há já bastante tempo, que tem correspondido inteiramente e actuado dentro daqueles parâmetros.

Ainda numa atitude louvável, tem procurado arquivar nas suas páginas, com as referências indispensáveis, o nome de Figuras que de uma ou outra maneira contribuíram para o desenvolvimento e engrandecimento de Fão, e que assim ficam para a posteridade.

Os nossos votos são os de que «O Novo Fangeiro» continue na senda que vem trilhando: independência, isenção, honestidade e verticalidade.

Para os seus proprietários, Director e colaboradores, os desejos de muita felicidade que, se assim a Deus prouver, para o próximo ano todos de novo se juntem para comemorarem o 4.º aniversário.

ARMINDO DUARTE

Festas de Santo António

Sábado, dia 13 — 9 h — Missa na Capela; 22,30 h — Marchas Populares (Areosa, Pedrinhas, Ramalhão e Infantil); 24 h — Boi de Fogo, Largada do Balão, actuação de um conjunto.

Venda de martelinhos para a noite de Santo António.

Domingo, dia 14 — 15 h — Largada de pombos; 15,30 h — Procissão; 17 h — Salto ao cântaro; 18 h — Ranchos Folclóricos.

Festejos de Sto. António

A secção Cultural dos Bombeiros vai realizar este ano as festas de S.to António em seu dia próprio — 13 de Junho.

O programa inclui ranchos, salto aos cântaros, procissão e outros números agradáveis.

A festa costumava realizar-se em Setembro e estava confiada a uma comissão.

AO NÉ GLÓRIA

Nasceste com a imagem
Que o céu precisava af
E Deus fez uma sondagem:
Todos votaram em ti.

Os Anjos tocaram trompas
Ao chegar mais um dos seus
P'ra ajudar a fazer contas
Que todos temos com Deus.

Se te for à mão a conta
Dos pecados contra mim,
Se forem de grande monta
Não somes até ao fim,

Para me candidatar
Num lugar à tua beira
E sorrindo recordar
As noitadas na lareira.

Mas se por qualquer razão
Deus de ti se desgostou
Que te volte a pôr em Fão,
Lugar d'onde te tirou,

P'ra voltarmos a tocar
Com o mesmo estribilho
Pois contigo acompanhar
A guitarra tem mais brilho.

E as gentes do concelho
Teus amigos verdadeiros
Tiram o luto ao espelho
De lembrança dos fangeiros.

GUILHERME MENDES

Maio 1987



o melhor café
é o da

A BRASILEIRA
PORTO

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

création ARMAÇÕES
OCÚLOS SOL

AZAL

Dr. Flávio Gonçalves — a sua morte



Na tarde de 21 de Maio enterrou-se no cemitério de Fão, em jazigo de família, o Prof. Dr. Flávio Gonçalves.

Acompanharam-no à última morada os seus familiares, os amigos culturalmente mais chegados, uma satisfatória representação da Câmara da Póvoa e algumas (poucas) pessoas daquela cidade e de Fão.

O dr. Flávio Gonçalves viveu muitos anos na nossa terra, ele e sua irmã Bêbé frequentaram a escola de Fão, acabando por fixar residência na Póvoa. Era uma autoridade em História de arte, nomeadamente em iconografia cristã e barroca. Dedicou-se também à etnografia e curiosamente podemos dizer que as suas primícias literárias iniciaram-se no Comércio da Póvoa de Varzim em 1947 com um artigo que se intitulava «Siglas poveiras na capela da Senhora da Bonança em Fão».

Foi autor de inúmeros trabalhos sobre arte, arqueologia e etnografia em revistas da especialidade e o seu intenso labor foi coroado com o convite para professor, primeiro da Escola Superior de Belas Artes no Porto e mais tarde (1976) da Faculdade de Letras também do Porto. Em todos os seus trabalhos revelou-se profundo no saber, rigoroso no expôr e atraente no comunicar.

Desde 1964 assumiu a direcção do Boletim Cultural da Póvoa que desde então foi publicado com uma notável regularidade.

A cultura portuguesa ficou mais pobre com o seu desaparecimento.

Nova especialidade no Hospital

O nosso hospital iniciou um novo serviço de consultas de cardiologia a cargo do reputado médico bracarense dr. Álvaro Amorim.

Esclarecemos que o novo cardiologista é um habitué da praia de Fão desde há longos anos.

O Mundo em que vivemos

ENTRE O SONHO E A REALIDADE

Um domingo de Primavera. Uma tarde de luz difusa, embalada na música do vento. Dois barcos que cortam as águas do rio, nas quais se reflecte o cinza-azulado do céu. Nas margens, as folhas verde-tenro das árvores, que se debruçam, tecem uma orla delicada e leve. O sulcar dos barcos deixa atrás de si uma esteira de rendilhada espuma.

A chegada ao pinal. O convívio. A merenda. O riso são e despreocupado. A música dolente de uma viola. As canções nostálgicas. O câro improvisado e espontâneo. O regresso.

Um só barco. O tocador, no meio, vai desfiando um rosário de canções. É ao entardecer. O céu e o rio irmanam-se agora numa sinfonia de tons róseos e diáfanos, em contraste com o verde-negro dos arbustos em volta.

O barco desloca-se em redemoínhos de alva espuma, a caminho de terra. As luzes da vila acendem-se e projectam-se no rio, num espectáculo feérico, de raro esplendor. Tudo é serenidade e paz.

Envolve-nos a magia dessa hora ímpar, de transição entre o dia e a noite.

As luzes estão cada vez mais perto. No silêncio aureolado pelo místico encanto dos últimos revêrberos de um sol agonizante, a voz bem timbrada e quente do Sérgio ecoa e prolonga-se, plena de sentimento: « — A solidão dói, dói, dói... »

Chegámos. O barco aportou na areia. terminara a aventura, mas não terminara o encantamento.

Estávamos já em terra. O nosso espírito, porém, tinha ficado ainda a pairar na magia daqueles momentos únicos, entre o real e o irreal.

Todos nós sentíamos o sortilégio dessa hora transcendente em que a terra está mais próxima do Céu, em que se esbatem as tênues e indefiníveis fronteiras entre o Ser e o Não-Ser, em que se dilui a linha breve e subtil que separa o Sonho da Realidade.

E. REAL

AUMENTE O SEU

Colesterol!

Ora cá estamos, a desejar que tenham comemorado devidamente o 3.º aniversário do vosso «Novo Fangueiro», para que o colesterol tenha dado a subidinha habitual... E, para reforçar, aqui vão mais umas receitazinhas:

FAVAS ENFEITADAS

Descascam-se e limpam-se bem as favas, na quantidade que se quiser. Convém que sejam tenras.

Numa caçarola, põe-se um pouco de toucinho picado de banha de porco de chouriço de carne, e cebola picada miudinha.

Leva-se ao lume, a refogar e, quando a cebola estiver loira, acrescenta-se a água necessária para fazer uma calda, onde se deitam as favas, e aí cozem, apurando bem.

Deitam-se, depois, numa travessa e enfeitam-se com rodela de ovo cozido e rodela de paio, também levemente cozidas.

E agora, para sobremesa um

PUDIM DE FARINHA DE MILHO

Açúcar — 200 gramas.
Leite — 200 gramas.
Canela — q.b.
Ovos — 6 gemas.
Farinha de milho — q.b.

Ferve-se o leite com o açúcar e a canela, e deixa-se arrefecer; quando estiver morno, junta-se a fari-

na de milho necessária para engrossar, e as gemas de ovo, previamente batidas.

Vai a lumé a cozer, até ficar uma massa compacta. Tira-se então do lume e deita-se numa forma untada com manteiga, onde fica até esfriar.

E pronto. Como sempre, o nosso desejo é que lhes agrade... não esquecendo o nosso amigo colesterol...

Um abraço da

TIA MARIQUINHAS

ALGARVE

NOVO HOTEL-APT.
DA NAVOTEL
NA BAÍA DE MONTE GORDO

ATLANTICO
★★★★
HOTEL - APT.

OUTRAS UNIDADES HOTELEIRAS:
DA NAVOTEL — NAVEGADORES
EM MONTE GORDO: — CATAVENTO
— ATLANTICO

RESERVA PARA:
8900 MONTE GORDO
ALGARVE • PORTUGAL
TELEF. 081 - 42490/1/2
TELEX 56054
TELEG. NAVEOTEL

em construção:
ALGARRUTO VILLA-810
ALGARRUTO ALLEO
E4 ALGARRUTO/SERRA ALGARVIA

Director Geral: Manuel De Oliveira Augusto

LIONS CLUB DE ESPOSENDE — a sua fundação

No dia 29 de Maio foi fundado em Esposende o Lions Club que tal como o Club Rotário é um organismo que presta serviços à comunidade.

Torna-se gratificante verificar que numa terra limitada como é Esposende existem e coabitam dois clubes de serviço, isto é, dois clubes cujos sócios, além de se despojarem de uma certa verba mensal (à volta de dois mil escudos) encontram-se semanal ou quinzenalmente com o fim específico de se colocarem ao serviço da terra onde habitam ou onde trabalham.

É curial que se pergunte: numa terra tão pequena será necessária a existência de dois clubes afins? É bom que se diga que clubes afins se estruturaram em torno de idiossincrasias afins, tal qual como a existência de dois clubes numa mesma terra.

Parece-nos muito útil e saudável a existência de um clube leonístico e rotário numa terra como Esposende, já que eles fomentam e cimentam núcleos de amizade e companheirismo, e evitarão com certeza que as gentes de Esposende se distraiam em guerras de arlequim e manjerona.

A fundação do clube leonístico de Esposende realizou-se no Hotel Suave-Mar, com a presença de 164 pessoas.

Presidiu o dr. Agostinho Teixeira, encontrando-se ainda presentes o actual Governador do Distrito 115, Jorge Ferreira, o representante do Clube de Barcelos, Jorge Moreira, clube padrinho, a Presidente da Câmara, Prof.ª Laurentina Torres, e representantes de quase todos os clubes do Norte.

Usaram da palavra vários oradores, todos desejando ao Clube os maiores êxitos na sua nobre missão.

O NOVO Fangueiro agradece aos Lions Club de Esposende o convite que lhe foi endereçado para estar presente, e formula votos de longa vida e o desejo de que o Clube dê notícias através das obras realizadas.

RESTABELECIDO

Já se encontra com alta do Hospital o nosso conterrâneo Alvarino Cardoso que voltou por isso à sua habitação na Av. Manuel Pais.

Folgamos com o seu restabelecimento.

A VIDA É FESTA

Repara como a rosa
Se vai abrindo
Mostrando graciosa
Suas pétalas e sorrindo
Para quem passa ao longo do caminho...
Vê como as aves vão fazendo o ninho
Atarefadas, cantando...
Observa a borboleta multicolor,
Inquieta, esvoaçando
De flor em flor.
E a sonrosa abelha diligente,
Logo de manhãzinha,
Beljando docemente
A filha da roseira coradinha,
Para buscar o néctar perfumado...
Olha a brisa que passa nos trigais
Abraçando, à tardinha,
As espigas douradas, com pardais.
Olha o sereno mar todo azulado
Onde flutua
Um inseguro barco com três velas...
Vê o sorriso límpido da lua
E à noite o céu com suas filhas belas.
E aquele rosto lindo de criança,
Com olhos de esperança,
Lançando a meiga luz dum arrebol
No arvoredor onde canta um rouxinol.
Contempla aquele jovem todo puro,
Vivendo no presente o seu futuro.
E também o casal
Que vai na estrada em busca dum ideal.
Repara como tudo manifesta
Um desejo de mais felicidade.
Por isso, na verdade,
A vida sobre a terra é uma festa.

DINIS DE VILARELHO

Gondomar, 10-2-1987

DO BRASIL

Acompanhado de sua Esposa, Idalina Cardoso Torres, encontra-se em Fão o nosso conterrâneo Carlos Cardoso Salgado.

O casal Torres Salgado ficará em Fão alguns meses.

Boa estadia é o que desejamos.

— Chegou a Fão, vindo do Brasil, o arquitecto Ascânio Monteiro, filho do saudoso Neca d'Areia.

Integrado numa viagem de estudo à Europa, o nosso conterrâneo aproveitou o ensejo para fazer uma visita às suas origens.

Seja benvindo.

REVIVER

Às vezes julgamos que a vida é rotineira.
Alguns de nós, com cerreza, já sonharam viver de maneiras diferentes das triviais.

Se olharmos para trás no tempo, e no pensamento juntarmos todos os momentos divertidos, todas as peripécias, todos os sentimentos de dor, desespero e amor, se conseguirmos isso, descobriremos uma história muito mais divertida que as de Charlie Chaplin, muito mais incrível que as de James Bond, muito mais romântica que as de Camilo. Este é o momento em que cada um de nós deve reviver essa história, a mais bela de todas as histórias. Para todos os que, hoje, vivem esse momento, para todos os que hoje fazem aniversário, felicidades.

JOSÉ NEVES
(aluno do 8.º G da Escola Secundária de Esposende)

Pagaram assinaturas

Guilherme Pereira Mendes, Lisboa, 1000\$00; Arlindo Ferreira, Fão, 500\$00; António Reis Graça, Fão, 500\$00; Valdemiro Lopes Cardoso, Fão, 500\$00; Maria Alice Fernandes Morais, Barcelos, 500\$00; Carlos D. da Venda Mariz, Braga, 1000\$00; Adelino António Dos Santos Graça, Apúlia, 1000\$00; João Reis Graça, Póvoa de Varzim, 500\$00; Manuel Malafáia Baptista, Porto, 500\$00; Manuel Gomes Soares, Fão, 1000\$00; Sapataria Silmar, Esposende, 1000\$00; Manuel Silva, Rio Tinto, 1000\$00; Alberto Simões, Brasil, 1000\$00; Manuel Losa de Faria, Apúlia, 1000\$00; Amândio Cardoso da Silva, Fão, 500\$00; P. e Dinis de Vilarelho, Gondomar, 750\$00; Fernando Marques de Almeida, Porto, 750\$00; Manuel de Jesus A. Lopes, Fão, 500\$00; Amândio do Monte Alves, Fão, 500\$00; Rufino Ferreira Soares, Fão, 500\$00; Manuel Gomes Miranda, Brasil, 1000\$00, Arq.º Luís Pádua Ramos, Porto, 20.000\$00; Luísa Nobre Pádua Ramos, 20.000\$00.

FALECIMENTO

Em 6 de Maio faleceu na cidade do Porto Maria Teixeira Didier, esposa do nosso bom amigo Sebastião Didier. Gravemente doente há meses, o seu desenlace era esperado a todo o momento.

Só tarde soubemos da sua morte. Daqui enviamos ao Tião um abraço de amizade e de muita solidariedade.

Faleceram ainda:

— No dia 11 de Maio Aida Reis Costa, viúva, que exercia as funções de Professora do Ensino Básico.

— No dia 14 também de Maio António Lourenço Simões mais conhecido pelo António da Aguçadoira. De certo modo era uma figura típica da terra. Autodenominava-se curador (receitas caseiras) e segundo afirmava era tu-cá-tu-lá com as mais representativas autoridades do país.

— Ainda no dia 24, Elias Ferreira da Fonseca. Infelizmente o rol cronológico foi mais longo que o costume.

As famílias enlutadas so nossos pêsames.

— Morreu no Hospital de Fão o Adolfo Pereira da Silva (Donana) que era também uma figura típica de Fão. Foi pescador, trabalhou por conta da Junta, foi padeiro, cobrador do futebol e do Club Fãozense.

Figura aparentemente triste, tinha a sua veia cónica e com um copito a mais cantava que era uma maravilha. Ao desafio poucos o batiam.

Que descanse em paz.

— Faleceu no Brasil já com avançada idade, José Mano, irmão de Lúcia Machado, que era casado com Maria Cardoso Salgado.

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRAULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MAQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

Consulte-nos

REIMELI, Lda.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

O discurso que o Conselheiro Acácio não fez no jantar da Gouvadinho

(continua do núm. anterior)

D. Afonso Henriques não conhecia uma letra do tamanho dum carro; a Ala dos Namorados era constituída por analfabetos; os nossos descobrimentos foram feitos por marinheiros mais preocupados com as riquezas que com letras. Em qualquer momento histórico basta que haja alguns letrados e sabedores; o resto deve ter uma instrução indiferenciada, facilmente ajustável às necessidades do mercado de trabalho. Dou daqui razão a João Ameal que, já em 1929 defendia que a instrução «corrompe o atavismo da raça». É verdade. Para além da péssima figura que a todos se presumidos a quem a sorte deu alguma instrução. Eu conheci até um holandês que era instruído de mais.

Dá que este Ministério tenha já um programa de contensão do alargamento da escolaridade obrigatória pela via institucional, tendo optado pela estratégia da suave desincentivação. Nem outra coisa podíamos deixar de fazer, posto que, pelas melhores contas, a generalização da frequência dos 9 anos implicaria a triplicação dos estabelecimentos de ensino secundário — investimento que a todos se afigurou desnecessário, por sobre o imoral, já que seria feito à custa de restrições no orçamento do Ministério da Guerra, sempre envolvido em projectos de desenvolvimento potenciado e elevada rentabilidade.

O nosso secreto objectivo é manter — se não for possível aumentar — os índices de repetência que caracterizam o actual ensino obrigatório. Contamos, para além da colaboração de alguns professores, com a eficácia das seguintes medidas em vias de implementação:

1 — *Aplicação dos critérios de selectividade do antigo ensino liceal ao ensino tornado obrigatório.* Na prática é o que já vem sendo feita e de que resulta a confrontação sistemática do aluno com maus resultados escolares, geradores de desinteresse e abandono de frequência. É possível passar, sem grande esforço, dos 50% de repetência no ensino primário para 60%; dos 30% no ensino preparatório para 45%. Desta forma, os 7.º, 8.º e 9.º anos ficarão libertos da previsível saturação que os espíritos menos sagazes julgarem inevitável.

Pretendemos ainda, como esforço desta intenção, definir uma disciplina como de aproveitamento obrigatório (já que tal medida potencia a probabilidade de repetência); bom, era optar por uma que tivesse expressão interdisciplinar; óptimo, seria optar pela Língua Portuguesa, já que é evidente a relação desta com a origem sócio-cultural dos alunos.

2 — *Manutenção do princípio de que a formação pedagógica dos professores é coisa de somenos importância, a fazer depois da primeira colocação.* Vemos com desconfiança a expansão dos auto assumidos Centros Integrados de Formação de Professores, destinados a garantir a formação científico-pedagógica dos candidatos ao ensino. A generalização deste princípio pode pôr em risco todos os nossos cálculos, posto que uma melhoria na qualidade pedagógica pode descambar em menor de repetência — o que seria de todo em todo indesejável.

Sejamos claros: não são as Universidades clássicas que devem organizar os cursos em função das necessidades do sistema de ensino; este é que deve organizar os «curricula» de acordo com os cursos que as Universidades vêm ministrando.

É nesta lógica que os licenciados desempregados se apolam quando clamam pelo direito à garantia de emprego no sistema de ensino.

Têm razão. Vamos já introduzir duas novas disciplinas no ensino pós-primário: a Ética e a Pátrica, versando a primeira aquilo que é e a segunda o que parece que é. A medida é de largo alcance, na óptica dos objectivos que venho expondo: garantirá emprego, independentemente do curso que possuam, aos largos milhares de licenciados sem colocação; sobrecarregará os alunos, já sem tempo para a legítima distração, com mais algumas banalidades avulsas; extirpará de vez, por evidente falta de tempo, o péssimo hábito que alguns alunos ainda conservam do ensino primário de estudarem as lições em casa; obrigará os alunos a fazerem, deste conjunto alargado de disciplinas, a interdisciplinaridade que os seus muitos professores, na planificação do trabalho, não conseguirão fazer.

Dirão alguns de V.as Ex.as que a intenção de aliviar a frequência dos anos terminais do ensino obrigatório redundará em sobrecarga dos ensinos primário e preparatório. É evidente. Só que, como V.as Ex.as também sabem, os problemas de excesso de alunos nestes níveis de ensino resolvem-se, não pelo aumento do número de professores (de que resultariam gastos supérfluos!), mas pelo aumento do número dos alunos por turma.

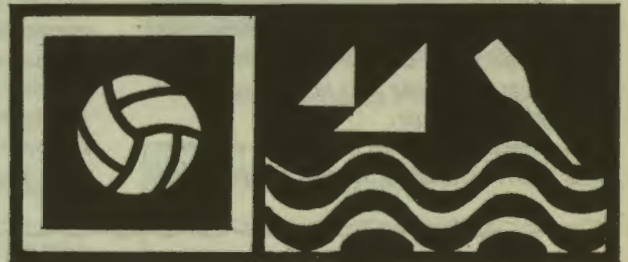
O futuro se encarregará de confirmar que o grandr mérito do alargamento da escolaridade para 9 anos foi o de garantir o efectivo cumprimento da escolaridade de 6 anos.

Antes de erguer a minha taça para a saudação final, quero afirmar a V.as Ex.as que o Ministério da Instrução do reino não concebe as reformas em cima do Joelho, antes as procede de longos e cuidados estudos. nem desconhece que o acesso ao saber é uma via de acesso a mais poder. É precisamente porque pretende preservar este que usa de parcimónia naquele.

E assim continuaremos todos amplamente servidos.

Conselheiro Acácio

DESPORTO



O futebol em marcha

Com o jogo realizado entre o C. F. de Fão e o Vilaverdense de que resultou um empate 1-1, terminou o campeonato da 1.ª Divisão da A. F. de Braga, ficando o nosso grupo representativo no meio da tabela.

Entretanto já se pensa e já se trabalha intensamente no novo elenco directivo e já existem bons nomes em perspectiva e praticamente dados como certos.

Assim podemos dizer que o Presidente indigitado será o António Carreira. A seu lado terá o António Torres, ex-dirigente do Eposende, que se propõe financiar por sua conta as equipas de juvenis e infantis, comprando os equipamentos, bolas e responsabilizando-se ainda com os treinos e as viagens. Uma boa aquisição, diga-se.

Entrarão ainda para a Direcção o Belmiro Gonçalves, seu filho Miro, o Graça, antigo guarda-redes e o Carlos Pedras da Silva (Kalló). Da antiga direcção ficam o Bernardino, João Pedras, manuel Cardoso e o Cardoso (do Hotel do Pinhal).

O treinador ao que tudo indica da casa: Carvalho, próspero comerciante da nossa praça. A propósito queremos dizer que ficamos com a melhor impressão do técnico Carneiro que foi o responsável pela equipa ao longo do ano. Pareceu-nos uma pessoa séria, dedicada e disciplinadora.

A política do novo elenco directivo será no entanto ocupar a prata da casa tanto em treinadores como em jogadores. Pretende-se fazer uma chamada geral a todos os fangueiros que jogam em grupos de fora da terra.

O esquema dos ordenados vai manter-se: tudo se vai resumir a prémios sem se entrar em altas cavalarias.

O objectivo a atingir será o topo da tabela, ou os primeiros lugares da frente.

Resumindo: o Presidente da Assembleia Geral não vai ter que realizar sete serões seguidos para conseguir o elenco.

CANOAGEM

Vai de vento em ponta a canoagem na nossa terra. Os seniores e juniores continuam a fazer boa figura nas várias provas que têm tomado parte. Em infantis temos já um campeão que se não é de direito, é-o de facto. Belmiro Penetra se chama o nosso herói.

No dia 25 de Julho vai haver uma maratona em Fão que conta para o campeonato nacional.

Que o entusiasmo não falte a estes briosos rapazes e ao seu dedicado e competente treinador Ramiro Novo.

O Senhor Secretário-Geral do Ministério da educação visita Fão

Com o objectivo de tomar conhecimento directo com as iniciativas que a Escola de Fão vem desenvolvendo, no âmbito do programa da sua ligação à comunidade local, o Senhor Secretário-Geral do Ministério da educação e Cultura, Dr. Tavares Emídio, contactou no passado dia 4 de Maio com o corpo docente da Escola do Ramalhão.

Depois de informado pela Directora da Escola, Senhora Prof.ª D. Maria José Borda, do conjunto daquelas iniciativas, o Senhor Secretário-Geral, na qualidade de Coordenador das equipas que procedem à reformulação dos programas dos actuais ensinos primário, preparatório e secundário, inteirou-se de alguns dos problemas que obstatam, presentemente, a uma boa articulação curricular entre os ensinos primários e preparatório.

No final, o Senhor secretário-Geral mostrou a sua satisfação pelo trabalho que pôde verificar, tendo valorizado sobretudo a utilidade das informações que a visita lhe proporcionou.

Conversando...

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

Mais um aniversário passou sobre o nosso querido jornal, e como tal, teve a sua «festa de anos».

No dia 16, depois duma missa, em memória do nosso amigo Sérgio Mendanha, realizou-se na «Rita Fangureira» um jantar-convívio entre a família do «Novo Fangureiro» e alguns amigos!

Não é possível descrever, tudo quanto foi dito, evocado, lembrado e até alvirtrado.

Houve poesia, discursos, polémica fangureira, projectos, mas sobretudo uma grande alegria e o despontar de novas amizades, etc., etc. — mais uma vez o Fernando Almeida trouxe a sua oferta simpática.

O jantar, a que todos prestaram honras (parabéns à Rita Fangureira) foi motivo para uma grande festa. Os velhos amigos ficaram mais amigos e os que não se conheciam saíram «velhos amigos».

A terminar, depois de vários oradores, falou o Dr. Armando Saraiva na qualidade

de Director do jornal. Agradeceu toda a colaboração dada ao jornal, e, evocou comovidamente o Sérgio Mendanha. Foi um momento de saudade. A Exma. Sr.ª D. Maria Emília C. Real, também disse algumas palavras sobre tal ausência.

Também não esteve presente, o que foi muito notado, a nossa colaboradora Arlete Faria.

Falou por fim a Exma. Sr.ª Presidente da Câmara, que a todos encantou, pela sua simpatia, inteligência e graça!

Fechou a círculo, o Dr. Madureira, com as suas inigualáveis imitações. Foi o momento alto, pela sua graça e veracidade!

Aníbal Soares, também falou, na hora do café, sobre Fão e Ofir. Houve uma certa animação entre os presentes, pois os fangueiros, aquecem quando falam da sua terra.

Já perto da meia noite, no momento das despedidas, houve uma surpresa. Quando todos julgavam a «festa acabada», surge um

agradável convite. O Aníbal Soares, gentil como sempre, convida todos para um passeio, rio-acima até ao açude, no domingo à tarde!

Foi lindo. As margens, revestidas duma vegetação verdejante, dava-nos a sensação dum lugar paradisíaco. Descemos no Marachão e ali à nossa espera, havia um lanche apetitoso e inesperado. O passeio tinha aberto o apetite e tudo era emotivo para uma amena avaqueira. E quando as sombras do crepúsculo revestiam o arvoredado, ouviu-se o som duma viola. Cantou-se modas de Fão, e o fado de Coimbra na voz timbrada e maviosa da nossa querida Zita.

Por fim todos cantaram. O regresso já foi de noite, acompanhado sempre de cantorias.

Chegou-se finalmente a terra e para culminar esse dia inesquecível, foi-nos oferecido no «Fôjo» um quentinho caldo verde e chouriço assado na brasa.

Quando regressamos a casa, tínhamos a sensação de que vale a pena lutar, trabalhar e amar Fão.

O seu jornal assim o tem provado e bom será, que este povo desperte e lute para que a sua terra tenha um rápido progresso, e um jornal cada vez mais forte e atento aos seus problemas.

A terminar mais uma vez parabéns e longa vida.

O chamado «Ouro Negro» não tinha só «Chininhas» não!... tinha embrulhos de pó e amargos de boca, não poucos... à mintura!...

(Continuado do número anterior)

Foi o merceiro que anda meio doido!...

Quando ainda dentro do estabelecimento ouviu a enorme barulheira das mulheres que lhe não saía dos ouvidos, surgiu à porta, mas logo se escondeu fechando-a, com medo de agressão... O resto do dia e parte da noite, o assunto predominante foi o caso do desnordeado comerciante e a carestia da vida!...

PROCURA DE EMPREGO

Nome — MARIA Clara Vilaça
Idade — 21 anos
Estado civil — Solteira (1 filho)
Habilitações Literárias — 11.º ano de escolaridade (7 anos de francês e 4 anos de inglês, escrito e falado), frequência do 4.º ano do Instituto Britânico do Porto, prática de 3 anos de dactilografia.
Empregos anteriores — Junta de Freguesia (dactilógrafa), Infantário, Loja de Confecções.

Procura e agradece emprego compatível.

Falar:
Rua dos Velgas, n.º 27 r/c - Norte
4740 FÃO

Quando saí de casa passava da meia-noite; era fins de Dezembro; o Céu todo estrelado, adivinhando o luar de Janeiro.

Tinha chovido ininterruptamente durante alguns dias... o paredão e a margem do rio beneficiaram dessa lavagem natural. O cheiro nauseabundo costumado desse cemitério sem cobertura, tinha melhorado um pouco!... Mas o momento não era propício a divagações. Eu tinha que agir.

Quando cheguei à porta do Clube, alguém saía.

— Então ainda agora?...

— Não me foi possível vir mais cedo...

— Está muito frio, mas não está tão mal cheiroso! Vamos até ao paredão?...

— Está bem, eu necessito de desabafar... vou perder a melhor oportunidade da minha vida. Imagine que na mina de volfrâmio que acabam de descobrir em Esposende, tenho lá um amigo de infância que é o homem que pondera e que é ouvido pelos sócios com respeito e consideração. Se eu tivesse a quem vender o volfrâmio, tenho a certeza que ele me dava a preferência nas vendas!...

— Arranje lá isso porque eu estive há dias com o Engenheiro Vidal Pinheiro e ele mostrou-se interessado pelo volfrâmio de

Esposende. Eu vou já para casa e às oito e meia a minha empregada, leva-lhe uma carta de recomendação e eu espero que você fique vendedor da separadora de Vilar de Pinheiro...

Agradei e despedimo-nos. Com a carta no bolso, às nove horas fui para Esposende falar com o Heitor Costa que logo ficou inteiramente ao meu dispor.

De Esposende seguí para o Porto, procurando a direcção que o envelope da carta me indicava. — «Por favor é aqui que trabalha o senhor Eng. Vidal Pinheiro!...»

— É aqui e neste momento está no escritório.

— Entregue-lhe esta carta e diga-lhe que é dum amigo...

— O senhor Engenheiro manda dizer que tenha a bondade de entrar e sentar-se porque logo que atenda aqueles dois senhores recebe imediatamente o amigo do senhor doutor.

O empregado retirou-se e os cavalheiros principiam a falar acaloradamente sobre volfrâmio. E só quando um deles tirou do bolso da sua grossa samarra um papel escuro com algum pó acastanhado me lembrei que podia estar sujeito a um exame e que pela primeira vez estava a ver volfrâmio naquele papel «se é que o era»!...

— «Não tem mais de doze!» — e ao mesmo tempo estendia um pouco de pó na palma da mão, juntava-lhe um pouco de saliva e esfregava. Mostrou a mão ao companheiro e disse: — «Como vês predomina a cor castanha»...

ANTÓNIO AGONIA PEREIRA

(Cont. no próx. número)

SANCHOS E QUIXOTES DA NOSSA PRAÇA

No último número entrevistamos o senhor Miquelino. Não falámos da venda do peixe. Foi pena, alguma coisa havia para dizer. Fica para uma próxima oportunidade. Mas qual será a razão que leva as peixeiras a montarem arraiais nas ruas da vila se há um mercado barulhento, calorento mas limpinho? Será a falta do boletim de sanidade? Ou da bata branca?

Caro leitor, benévolo companheiro desta viagem Cávado acima, deixemos o rio por algum tempo e encaminhem-nos para o coração da vila.

Estamos na Ribeira. A Ribeira das naus, dos lençóis das redes de emalhar... pés... e pescadores menos atentos. São restos mortais de redes abandonadas à mistura com outras ainda ao serviço. Mato, silvas e buracos rodeiam o grande estaleiro naval. Terra de Turismo! Terra de Trabalho! Turismo bem organizado e bem pensado... Quando chove ou faz vento o turista tem um programa aliciante. Visita «capelas» ou tem em algum expert uma alma caridosa programar-lhe uma tarde ou dia agradável. Faz-me lembrar um senhor holandês Rob-Kasper que deu ultimamente um «soco» no marasmo em que tínhamos caído. Recebeu medalha de prata do município. Parabéns. Não vá embora.

Metamos pelo centro da vila. Pobre de património arquitectónico. Vila nova. Levou nos últimos catorze anos uma modificação que não tinha nos quinhentos anos da sua existência. Só quem não tem olhos ou não quer ver.

Largo Rodrigues Sampaio, varrido pelo vento, pinheiros pálidos e esventrados. Duas faixas de rodagem abraçam o largo. Impossível a esplanada que lhe daria outro aspecto. Os automóveis apinham-se. Ao fundo, à esquerda, a Igreja Matriz, um sino novo. Aspecto arejado. Limpa. Construção de características setecentistas. Três naves. Belos altares em talha dourada. Não foi transfigurada com o progresso. Ainda bem. Quem sabe... sabe. Pia baptismal e painéis de azulejos do séc. XVIII. Vitrais a condizer. Cá fora, adro e tanque em granito. Um pouco a norte, o futuro Salão Paroquial. Para já... um pouco mais e estará acabado. Apoios, precisam-se. Só Janeiras não chegam. Já tarda.

Continuemos a viagem. O progresso. A modernidade. O novo Quartel dos Bombeiros. Um largo fronteiro a precisar de ser arborizado e a estátua merecida. O D. Sebastião do presente de um passado recente. Ninguém contesta a obra. Ninguém contesta o mérito.

Os Paços do Concelho. Século XVIII no exterior. Século XX no interior. Sofreu transformações o espaço urbano exterior. Lembrando-se do gradeamento que limitava o «adro» da Misericórdia? E da Casa Havana com o seu banquinho? Coração da vila de outrora. Centro de reunião dos Homens-bons. Acabou. Um jardim peque-

note, caça-papéis, rodeia a estátua do poeta.

A Capela da Misericórdia. Talvez o melhor monumento da vila. Juntamente com o edifício da Câmara forma um bloco uniforme e austero. Século XVIII. Entremos. Ali é a Capela dedicada ao Senhor dos Mareantes. Tecto com caixotões em talha dourada. Vale a pena uma visita de alguns minutos.

Esta visita fez-me associar o Hospital. Que lembrança! Quem te viu! Quem te vê! Lembram-se do Hospital com doentes... com ambulâncias... com laboratório de análises... com muitos médicos e especialidades? E o jardim? E as dezenas de pessoas enfermas que lá acorriam? Sr. Roriz, Queirós de Faria, Bernardino Amândio... outras gerações. Resta o edifício com aspecto tristonho e de «asilos». Temos o de Fão. Que grande que é! Em tudo. Mais tarde lá iremos. Já não há guerra entre os de cá e os de lá. Que bom!

Continuemos, caro leitor, a nossa viagem. Da vila, há outras histórias e estórias para contar. Festas de São Pedro e de São João. Da Senhora da Saúde, guerra surda.

Novo posto de abastecimento de gasolina

O posto de gasolina da praia do nosso amigo Maciel vai sofrer uma ampla remodelação.

A planta do novo edifício é da autoria do Arq. Márcio de Freitas, um dos bons técnicos da cidade do Porto. Simplesmente, parece-nos e a muita gente de Fão que o novo traçado encosta-se demasiado à estrada e estrangula por isso a zona junto ao Hotel, o que não nos parece aconselhável em termos de urbanismo hoteleiro, tendo em conta as características do local.

A Junta deu o aval a tal projecto? Pensamos que em casos de certo melindre a Assembleia da Freguesia deveria reunir e só ela devia deliberar e dizer sim ou não a tais obras. O contrário é desprezar a população local o que é condenável.



o que é bom da natureza

Não há comissão. A Senhora é Santa. Perdoa. Os homens não. O Turismo... os notáveis têm uma palavra a dizer. Um velho amigo que nunca trabalhara, costumava dizer que lhe bastava «falar e pensar». Trabalhava muito com a cabeça. Os outros davam o corpo ao manifesto. Faziam o que podiam e como sabiam. Uma vez, ouviram o tal amigo e calaram. Voltaram a ouvi-lo e voltaram a calar. À terceira, disseram-lhe: «não pense só com a cabeça. Faça.» Nunca mais se fez nada. Tudo acabou naquela terra do chora-que-logo-bebes.

Vamos, caro leitor, voltar ao rio. Vamos lavar as nossas almas que já vão sujas de meter a foice em seara alheia e nós não queremos ser polémicos. Ouça um pouco a Rádio Esposende. Perdoe algumas leituras. São jovens que começam como nós. É uma porta aberta para uma linda profissão: ser jornalista, repórter, locutor. Ser moscardo, abelha ou coca-bichinhos.

No próximo número há mais. É a continuação da nossa viagem. Regressamos à marina. Junto dos Socorros-a-Náufragos. Salvem o futebol e as Festas da Senhora da Saúde. Nesta terra não há mais nada.

Colaboraram Professor e alunos de Português do 11.º ano, Turmas D e E

EM FÃO

NO LUGAR DOS LÍRIOS

Abriu o novo ultra e moderno

Mini Mercado Flor do Lírio

NO DIA 25-4-1987

Conscientes de que os atenderemos com o maior rigor e competência.

ESPERAMOS POR SI

VISITE-NOS

NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Armando Saraiva
Mária Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Armando Duarte
Rui Agonla Perela
José Neves

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Clima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962160

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318
4480 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 500\$000

A cobrança de «O Novo Fanguero» através de «Os Correios» será por conta do assinante.

VOLTAR A COIMBRA

Éramos jovens e estudávamos em Coimbra. A nossa casa situava-se imediatamente atrás da Faculdade de Letras e ficou conhecida pela Casa da D. Adelaide. Não era bem uma «república» pois não comíamos lá e a administração pertencia à D. Adelaide, simpática anfitriã aparentada com uma das melhores famílias da cidade. Havia no entanto um certo espírito repúblico entre o maralhal que se dava bem, realizava acções colectivas, como por exemplo ir disputar uma partidinha de futebol para a ponte de Coimbra às tantas da madrugada, e realizava acções de evidente solidariedade visual tais como... mas nós vamos contar (só um caso):

Um da malta notou do seu poiso de estudo que uma enfermeira (ou seria telefonista?) chegara ao seu (dela) quarto, por volta das três da manhã. Suspenso e guloso primeiro e depois ansioso começou a acompanhá-la, apesar da distância e de uma cortina protectora, em todos os actos de desroupagem.

Ao outro dia, muito solidariamente, narrou à *troupe* o videoscope nocturno que tanto o deliciara. Claro que todos desejaram ir ao «cinema» e combinou-se então montar um posto de vigília com binóculo e tudo. Um de nós ficara de sentinela até altas horas e quando a «visão» iniciava os ademanos de regresso ao leito, o gong soava e todo o mundo se despejava no quarto do colega para dar uma mirada pela luneta. Como acima referimos, a distância era muita e um véu diáfano embaciava os gestos que por isso eram mais imaginados que visualizados. Ainda assim toda a malta queria «bilhete».

Santa concupiscência! E muito haveria para dizer... só que o espaço não dá para mais...

Entretanto, acabado o curso, cada um rumou para o seu destino, enquanto a casa da D. Adelaide ia recebendo novas fornadas de gerações. Os anos foram passando e precisamente em maio de 85 o dr. Castilho de Abreu, ilustre advogado portuense, lembrou-se de tocar a sineta e marcar formatura para frente da casa onde já moráramos.

Assim começamos a aparecer, a conviver, a recordar, a suspirar por uns tempos que não voltam mais. Só que este ano, por razões que não interessa aqui explicar, o grupo desintegrou-se: metade apareceu no sábado da Queima e a outra na terça-feira do Cortejo.

O nosso grupo, o de sábado, reuniu no Real Retiro das Canas, mais conhecido pelo Chinês, um restaurante que naqueles tempos era dos melhores a que a estudantada poderia ter acesso. As reuniões anteriores tinham decorrido no Restaurante das Piscinas que é considerado hoje em dia o melhor da cidade. Fomos pois para o Chinês, já que nas Piscinas não havia um lugar vago a oito dias de vista. Confessamos que levávamos um certo receio: co-

mo seria, mais a mais que agora já eram todos doutores? Mas não haja dúvidas que tudo correu à maravilha. Têm lá um bacalhau à Lagareiro que é de comer e chorar por mais. Vale a pena ir do norte a Coimbra só para o apreciar. Depois umas Espetadas fazem cá crescer água na boca... E o cabrito? de truz!... Bem não comemos os três pratos mas solidariamente fomos petiscando o que vinha para os outros.

Foi ao fim e ao cabo uma tarde bem passada. Basta dizer que abancámos às 13 horas e só nos levantámos às 18. Estiveram presentes o autor destas linhas mais sua mulher Zita; o dr. Manuel Gonçalves Neves, bem acientado médico em Lisboa, com a esposa, Linda; o dr. Duarte

Santos, advogado em Coimbra e com uma boa garrafeira na Mealhada; e enfim o eng. Pedro Oliveira Costa com a Isabel e uma filha. Coimbra do nosso tempo veio até nós envolta em brumosa saudade, com todo o seu sortilégio, com todo o seu encanto. Coimbra confere sinal distintivo, deixa marca, torna-se recordação, é uma memória. Ali estávamos a conviver, a recordar, a agarrar o passado, a evitar que o cilindro do tempo nos esmagasse.

Foi então que nos lembrámos de telefonar as Castilho de Abreu que foi um notado ausente, pois era do bando de sábado, aliás um dos seus propugnadores.

— É malta, desculpem lá, mas eu tive que ficar para o comício do P.S.D. ...

Ai ele foi isso? Trocou-nos pelo partido?

Exarado em acta: solidariamente ninguém votaria no partido do Castilho...

A. S.

«O NOVO FANGUEIRO» FEZ TRÊS ANOS

— UMA OUTRA VISÃO DOS FESTEJOS

Foi num sábado, dia 16 de Maio, que na sala acolhedora da «Rita Fangureira», o Director e colaboradores deste jornal se reuniram num jantar de confraternização, oferecido pelo primeiro, para comemorar o 3.º aniversário deste periódico.

Foi uma refeição óptima, serviço à lista, e um convívio melhor ainda. Quiseram honrar «O Novo Fangureiro» com a sua presença, a Senhora Presidente da Câmara, Prof.^a Laurentina Torres, a Presidente da Assembleia Municipal, dr.^a Rosa Torres e o Presidente da Junta de Freguesia, sr. Luís Viana. Pelo «Novo Fangureiro», além do seu Director, dr. Armando Saraiva e Esposa, D. Zita Saraiva, estiveram presentes o dr. José Madureira e a maioria dos colaboradores.

No fim do repasto, usaram da palavra a Senhora Presidente da Câmara, a dr.^a Rosa, o sr. Luís Viana e ainda o nosso Director, que, visivelmente comovido, evocou a memória de dois Amigos de «O Novo Fangureiro» que ali faltavam por já não pertencerem ao número dos vivos: o Engenheiro Losa de Faria e o sr. Sérgio Mendanha.

O colaborador sr. Fernando Marques de Almeida, ao jeito dos anos anteriores, quis oferecer uma lembrança a perpetuar


a efeméride. Assim, entregou um poema da sua autoria, belissimamente emoldurado.

Mas o ponto alto de divertimento deste jantar, em que não faltaram alegria e emoção à mistura, foi quando o dr. Madureira se «meteu na pele» do General Raimundo Eanes e fez um dos seus bem-humorado discursos, que pôs toda a assistência a chorar de tanto rir!

E, para surpresa, a comemoração deste 3.º aniversário teve um remate inesperado: um dos nossos anunciantes, o sr. Aníbal Soares, proprietário do Hotel do Pinhal, ofereceu ao «pessoal» do «Novo Fangureiro», no dia imediato, um maravilhoso passeio de barco pelo rio acima, até às condutas, com paragem no Marachão, onde se encontrava servida impecável merenda, e onde nem sequer faltou um tocador, o Sérgio, que deliciou todos os presentes que, entusiasmados, muitas vezes fizeram coro com as suas melodias.

No «Fojo» houve o fim de festa, também oferecido pelo nosso anfitrião. Foi — e pode dizer-se com verdade — um fechar com chave de ouro a celebração do 3.º aniversário deste nosso e vosso jornal.

E. REAL

AVENÇA	«O NOVO FANGUEIRO» FÃO
	
PORTE	
PAGO	